

# FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA PRÁTICA MISSIONÁRIA

Me. Antonio Carlos da Silva<sup>1</sup>  
Dr. Antonio Renato Gusso<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta apresentada neste artigo tem como objetivo contribuir com a pesquisa missiológica a partir de uma perspectiva histórica, averiguando como a missão de anunciar o evangelho tem sido praticada ao longo dos últimos séculos. A fundamentação histórico-teológica que segue apresenta de forma panorâmica, e a partir de um exame bibliográfico, os quase dois milênios de prática missionária do cristianismo, a começar do segundo século, a abordagem está dividida em seis períodos históricos em que os missionários colocaram sua vocação em prática em meio a desafios diversos e experimentaram um avanço significativos da missão, até perspectivas para o século XXI.

**Palavras-chave:** Missão, prática missionária, cooperação.

## ABSTRACT

The proposal presented in this article aims to contribute to the missiological research from a historical perspective, ascertaining how the mission of proclaiming the gospel has been practiced over the last centuries. The historical-theological foundation that follows is presented in a panoramic way, and from a bibliographical examination in the almost two millennia of missionary practice of Christianity, beginning of the second century. The approach is divided in six historical periods in which the missionaries put their mission in the midst of diverse challenges and have experienced significant mission advancement, even prospects for the twenty-first century.

**Keywords:** Mission, missionary practice, cooperation.

## INTRODUÇÃO

Abordar a prática missionária é uma tarefa que pode ser realizada sob diversos enfoques. O presente artigo pretende explorar esta prática considerando dois aspectos inter-relacionados: uma análise histórica aliada a elementos

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia na área de Organização e Cuidado Pastoral, especialista em Liderança e Pastoreio pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná, Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. PUCPR e em Teologia pela FABAPAR. Professor da Faculdade Teológica Betânia- FATEBE.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, doutor em Ciências da Religião, também, pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Teologia na área de Antigo Testamento pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, RJ, mestre em Ciências da Religião na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico pela Universidade Metodista de São Paulo, SP. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Paraná e Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Professor e Pró-reitor. Membro do Conselho Editorial das revistas Via Teológica, Batista Pioneira, Presente Diário, e do Jornal O Batista Pioneiro. Membro do Conselho Científico da Revista Pistis & Praxis (2014-2016), do PPG em Teologia da PUCPR. Parecerista da Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, da PUC Minas.

teológicos. Como homens e mulheres cristãs, conhecidos também como missionários, se mantiveram fiéis em cumprir a ordem bíblica de Jesus em evangelizar e anunciar as boas novas de salvação às pessoas e povos que seguiam divindades diversas e tinham práticas religiosas contrárias as almejadas por Jesus.

Da igreja primitiva a atual época, a prática missionária tem se deparado com inúmeros desafios e oscilado quanto à forma de levar às pessoas a importância de conhecer ao Deus Criador e Salvador dos cristãos. Dedicar-se ao avanço da prática missionária parece não ter sido e talvez não esteja sendo compreendida pela maioria dos cristãos. Para John Piper, “o evangelismo mundial ainda não foi concluído por causa da fraqueza dos cristãos professos e da pobreza da liderança das igrejas cristãs ao redor do mundo”.<sup>3</sup> Seria possível aceitar isso? Até que ponto tem havido interesse em conhecer como tem se desenvolvido esta missão ao longo da história da igreja?

No campo da teologia prática há a possibilidade de promover intercâmbio e parcerias em missões entre igrejas locais. Há também a possibilidade de promover debates entre líderes cristãos que atualmente tem se dedicado à obra missionária de modo mais específico, com o intuito de despertar nos cristãos de modo geral um interesse em analisar quais fatores favoreceram e quais inibiram a prática missionária e quais foram os alvos até a presente época.

A práxis missionária exercida pelo apóstolo Paulo não teria sido a mesma adotada por missionários de outras épocas. Acredita-se que esta prática oscilou em virtude da compreensão teológica que os missionários tiveram ou foram ensinados a ter. Propõe-se assim uma reflexão histórico-teológica da prática missionária que contemple exemplos inspiradores para os cristãos atuais.

## **1 MISSÕES DO SÉCULO II AO V**

Ekström comenta que “no fim do 1º. Século, a Igreja se encontrava em franco progresso, alcançando os diversos pontos do Império Romano e avançou até o ano 500 d.C.”.<sup>4</sup> Ele também relata que surgiram diversos tipos de líderes e centros teológicos se estabeleceram em alguns pontos do Império.<sup>5</sup> Como seria a formação desses líderes, como era tratado o avanço da missão e como se dava a participação

---

<sup>3</sup> PIPER, J. **Uma teologia para missões**. Mensagem pregada em 19 de Setembro de 1987 na Crystal Evangelical Free Church. WWW. DesiringGod.org. Acesso em 06/04/2015. p.4.

<sup>4</sup> EKSTRÖM, 2001. p.21.

<sup>5</sup> EKSTRÖM, 2001, p.23.

missionária?

Pode-se destacar aqui a atuação de Policarpo, Bispo de Esmirna, por 50 anos cooperou tendo sido martirizado no ano de 156 d.C. Ulfilas (311-383), importante missionário, trabalhou entre os godos (atual Romênia) durante 40 anos e traduziu a Bíblia para a língua nativa deles. E, Patrício (389-474), escocês, que se preparou na França para depois ir à Irlanda, país em que teria fundado 200 igrejas, totalizando mais de cem mil convertidos<sup>6</sup>. Bosch comenta que se poderia pensar que a “missão mundial” da igreja teria sido concluída nesta época, uma vez que os limites do Império Romano haviam sido alcançados, mas sabia-se que havia igrejas fora do Império.<sup>7</sup> Ele escreve:

Nos primeiros séculos, a igreja de fato se difundiu amplamente. Ela não se encarnou apenas nas culturas e nas formas de pensar dos gregos e dos romanos, mas também se expressou através das liturgias de outras culturas: copta, siríaca, armênia, etíope, indiana e, inclusive, chinesa.<sup>8</sup>

Fox escreve que “um imperador adverso ao cristianismo ordenou perseguição aos cristãos persas. Por meio deste edito, muitas pessoas ilustres, na igreja e no Estado, foram martirizadas pela ignorância e ferocidade dos pagãos”.<sup>9</sup> Neste momento de perseguição surge a figura de Constantino que expressa sua convicção de fé através de uma carta. Ele escreveu:

Somente pela minha fé em Cristo Jesus é que os subjuguiei. Por isso, Deus foi meu ajudador, deu-me a vitória na batalha e fez-me triunfar sobre meus inimigos. Da mesma maneira me tem ampliado os limites do Império Romano, de modo que se estende desde o Oceano Ocidental até quase os confins do Oriente. E neste domínio não tenho oferecido sacrifícios às antigas divindades, nem usado encantamentos ou adivinhações: só tenho oferecido orações ao Deus Onipotente, e seguido a cruz de Cristo. Muito me regozijaria se o trono da Pérsia achasse também glória e abraçasse os cristãos, de modo que tu comigo, e eles contigo, pudéssemos gozar a verdadeira felicidade.<sup>10</sup>

Após a leitura deste apelo ao rei persa a perseguição cessou por um período. Entende-se que a manifestação de fé de Constantino nesta ocasião contribuiu para que a missão fosse abraçada por muitos de seus contemporâneos. Mas, segundo Johnstone, mesmo tendo ocorrido profunda evangelização nesta época, ela teria atingido no máximo 40% da população mundial até o 5º. Século.<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> EKSTRÖM, 2001, p.24.

<sup>7</sup> BOSCH, 2002, p.252.

<sup>8</sup> BOSCH, 2002, p.253

<sup>9</sup> FOX, 2004, p.39.

<sup>10</sup> FOX, 2004, p.40.

<sup>11</sup> JOHNSTONE, 1998, p.68.

## 2. DA ERA MEDIEVAL (SÉCULO VI AO XIV)

A partir do século VI, em meio a conflitos, a prática missionária declinou e centralizou-se na Europa até o século XV.<sup>12</sup> Neste período medieval alguns movimentos de missões são destacados por Johnstone, os quais são: a missão Celta na Europa (500 a 800 d.C.); a evangelização nestoriana da Ásia (480 a 1250 d.C.); e, as ordens missionárias católicas romanas (1209 a 1773 d.C.).<sup>13</sup> Para ele, dois foram os agentes para que o avanço de missões continuasse acontecendo, o ministério dinâmico do Espírito Santo<sup>14</sup> e a utilidade dos monastérios ao longo de 1500 anos.<sup>15</sup> O Brasil passou a fazer parte deste processo, quando as ordens católicas começaram a enviar seus missionários para cristianizar os indígenas que aqui moravam. César comenta que “a principal coisa que motivou o rei Dom João III a povoar as terras descobertas era para que os nativos se convertessem à fé católica”.<sup>16</sup>

Algumas questões político-religiosas fizeram parte deste processo missionário. Desde seu princípio, na Idade Média tardia, a lei internacional tendia a negar a não cristãos os direitos que outorgava aos cristãos. Eles só tinham direitos naturais como criaturas de Deus. Uma vez batizados, porém, concedia-se a eles os mesmos direitos políticos desfrutados por seus concidadãos cristãos. Uma vez mais se argumentava que era vantajoso para eles, tanto material como politicamente, tornar-se cristãos.<sup>17</sup>

Esses desdobramentos prepararam o terreno para o que Erdmann denomina de guerra missionária indireta e, no decurso do tempo, também para as guerras missionárias diretas.<sup>18</sup> A linha divisória entre a guerra missionária indireta e direta era muito tênue. Tratava-se de mera questão de tempo para que a segunda envolvesse a primeira.<sup>19</sup> Bosch relata que Agostinho começou a determinar o curso de uma ética ocidental para a guerra e exerceu a mais duradoura influência na configuração de suas complexidades.<sup>20</sup> Ele não aventava a possibilidade de uma guerra religiosa contra não-cristãos.

---

<sup>12</sup> JOHNSTONE, 1998, p.75

<sup>13</sup> JOHNSTONE, 1998, p.79-88.

<sup>14</sup> JOHNSTONE, 1998, p.77.

<sup>15</sup> JOHNSTONE, 1998, p.170.

<sup>16</sup> CESAR, E.L. **História da evangelização do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2000. p.20

<sup>17</sup> BOSCH, 2002, p.73, 275.

<sup>18</sup> BOSCH, 2002, p. 275.

<sup>19</sup> BOSCH, 2002, p. 276.

<sup>20</sup> BOSCH, 2002, p.276.

Bosch comenta ainda que Gregório Magno “impulsionou a doutrina cristã para essa direção dúbia, onde se considerava a defesa cristã e, frequentemente, sua extensão como as principais tarefas do governante”.<sup>21</sup> Assim, justificava-se e praticava-se pela primeira vez uma guerra de agressão que visava à expansão do cristianismo. O objetivo imediato da guerra era a subjugação dos pagãos, algo considerado fundamental para a atividade missionária subsequente sob a proteção do Estado; a partir dela, poderia efetivar-se a proclamação pacífica do evangelho.<sup>22</sup>

Durante a maior parte da Idade Média, a Europa encontrava-se praticamente ilhada, separada do resto do mundo pelo islamismo. No Oriente, o islamismo penetrava na Ásia Central, a partir de onde formara uma cadeia ininterrupta, via Ásia Ocidental, Oriente Médio e Norte da África, até a Espanha e inclusive, os Pirineus. Nem mesmo as cruzadas conseguiram romper essa barreira.<sup>23</sup> A inquisição foi outro elemento que a Igreja Oficial estabeleceu para confrontar e punir todos os contrários ao cristianismo defendido pela Igreja Oficial.<sup>24</sup> E o islamismo estava, aparentemente, ainda em expansão. Em 1453, Constantinopla, há muito o centro espiritual da igreja oriental, caiu na mão dos muçulmanos. Porém, percebia-se na Europa uma crescente inquietação político-social-religiosa, que culminou na Época das Descobertas.<sup>25</sup>

Bosch observa que a colonização de povos não-cristãos por nações cristãs precedeu, em muitos séculos, o colonialismo moderno, mas essa ação perpetrada por europeus contra europeus, e, em todos os casos, os povos conquistados em breve aderiam ao cristianismo e eram assimilados pela cultura dominante.<sup>26</sup> No antigo Império Romano, assim como na Europa medieval, a escravidão pouco tinha a ver com a raça. Depois da descoberta do mundo não-ocidental além dos territórios muçulmanos, a situação se modificou: doravante só os negros podiam ser escravizados. Espanha e Portugal introduziram a escravidão e foram logo seguidos por outras potências colonialistas emergentes.<sup>27</sup> O Brasil foi alvo desta prática portuguesa e espanhola. Neste processo o conceito de missão sofreu variações.

De maneira bastante incoerente talvez, o período colonial também

---

<sup>21</sup>BOSCH, 2002, p.279.

<sup>22</sup> BOSCH, 2002, p.279.

<sup>23</sup> EKSTRÖM, 2001, p.33

<sup>24</sup> FOX, 2004, p.71.; KAMEN, H. **A inquisição na Espanha**. Rio de Janeiro: ECB, 1966. p.175-176

<sup>25</sup> BOSCH, 2002, p. 279.

<sup>26</sup> BOSCH, 2002, p.279.

<sup>27</sup> BOSCH, 2002, p.280.

desencadeou uma era missionária sem paralelos. A cristandade descobriu que 15 séculos após a fundação da igreja cristã, havia ainda milhões de pessoas que ignoravam a salvação e que, como não estivessem batizadas, encaminhavam-se para a condenação eterna. O colonialismo e a missão, como coisa natural, eram interdependentes; o direito de ter colônias trazia consigo o dever de cristianizar os colonizados.

Durante 15 séculos, a igreja utilizou outros termos para se referir ao que autores como Bosch designaram como missão. Empregaram-se expressões como “propagação da fé”, “pregação do evangelho”, “proclamação apostólica”, “promulgação do evangelho”, “estender a fé”, “expandir a igreja”, “implantar a igreja”, “propagação do reinado de Cristo” e “iluminar as nações” (cf. Seumois 1973:18).

A nova palavra, “missão”, vincula-se, historicamente, de forma indissolúvel à época colonial. O termo pressupõe uma igreja estabelecida na Europa que enviava delegados para converter povos desconhecidos; expressa, assim, um fenômeno anexo à expansão européia. Entendia-se a igreja como uma instituição jurídica que tinha o direito de confiar sua “missão” a poderes seculares e a um corpo de “especialistas” – sacerdotes ou religiosos. “Missão” designava as atividades pelas quais o sistema eclesiástico ocidental se propagava para o resto do mundo. O “missionário” estava irrevogavelmente conectado a uma instituição na Europa, da qual ele ou ela derivava o mandato e o poder de conferir salvação às pessoas que aceitavam certos princípios da fé.<sup>28</sup>

A decisão que os reis da Espanha e Portugal tomaram em relação à expansão missionária em suas colônias apresentou alguns problemas. A propagação da fé e as políticas coloniais passaram a entrelaçar-se, de tal maneira, que, muitas vezes, era difícil distinguir uma das outras.<sup>29</sup> Durante a Idade Média, se aplicou o texto à conversão forçada de pagãos e judeus (ou, pelo menos, ao batismo forçado). Mesmo onde não se fazia alusão direta a Lucas 14.23, que diz “[...] Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa.”, a idéia como tal, estava presente e atuante (cf. Rosenkranz 1977:118).<sup>30</sup> O domínio dessa mentalidade, durante séculos, no pensamento missionário se confirma até o século 16.

---

<sup>28</sup> BOSCH, 2002, p.281.

<sup>29</sup> BOSCH, 2002, p.281.

<sup>30</sup> BOSCH, 2002, p.290.

No período medieval a igreja sofreu profundas alterações. Ela passou de uma pequena e acossada minoria a uma organização de porte e influência: transformou-se de seita perseguida em opressora de seitas; desfez-se qualquer vínculo entre o cristianismo e o judaísmo; desenvolveu-se uma estreita relação entre trono e altar; ser membro de igreja tornou-se óbvio; esqueceu-se, em grande parte, o ofício do crente; fixou-se e ultimou-se de maneira conclusiva, o dogma; a igreja havia se adaptado à longa postergação do retorno de Cristo; o movimento apocalíptico da igreja primitiva cedeu espaço à expansão da cristandade (cf. Boerwinkel 1974: 54-64).<sup>31</sup>

Segundo Johnstone, a Igreja atual vive à sombra das distorções estruturais pós-apostólicas e em seguida do abandono de estruturas na Reforma Protestante.<sup>32</sup> Porém, isso não significa que Deus tenha deixado de fazer com que se mantenha um remanescente da Igreja praticando missões. Um remanescente visionário em todas as épocas da Igreja.<sup>33</sup> O período da Reforma apresenta alguns destes cooperadores visionários que trabalharam arduamente pelo avanço da missão.

#### **4 DA REFORMA PROTESTANTE (SÉCULO XV AO XVII)**

Para a patrística grega o texto bíblico usado como referência missionária era João 3.16 “[...] Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”; para o catolicismo medieval, Lucas 14.23 (citado anteriormente); e, talvez seja possível considerar que para a Reforma Protestante foi o texto de Romanos 1.16 e 17 que dizem:

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho de fé em fé. O justo viverá por fé.<sup>34</sup>

Para Bosch, a Reforma deu ênfase à dimensão subjetiva da salvação. Essa ênfase podia fomentar a idéia do valor do indivíduo em que se sacrificava o individual em nome do coletivo. Ao mesmo tempo era possível que uma ênfase demasiada no indivíduo o alienasse de seu grupo e destruísse a consciência do fato

---

<sup>31</sup> BOSCH, 2002, p.291.

<sup>32</sup> JOHNSTONE, 1998, p.170.

<sup>33</sup> JOHNSTONE, 1998, p.68.

<sup>34</sup> BOSCH, 2002, p.291, 294.

de que o ser humano, por definição, é um ser social.<sup>35</sup>

Tratando-se de uma perspectiva popular torna-se necessário enfatizar que Martinho Lutero, João Calvino e muitos outros foram instrumentos missionários de Deus. Peters comenta que a reforma proposta por Lutero evidenciou a manifestação da vontade de Deus para os povos.<sup>36</sup> Numa igreja católica ortodoxa que “represava” a palavra e a vontade de Deus, surgiu um homem que confrontou a letargia espiritual daquela igreja.

Os questionamentos quanto ao significado do ser salvo pela fé e do viver pela fé foram elementos fundamentais para que houvesse uma mudança de comportamento dos cristãos no século XVI. Observa-se que a reavaliação de princípios e práticas cristãos e a reprodução em massa da Bíblia favoreceram uma série de quebra de paradigmas. A manifestação, que pode ter tido conotação política na verdade, movimentou espiritualmente a Alemanha, Itália, Inglaterra, Tchecoslováquia (atualmente dividida em República Tcheca e Eslováquia) e, praticamente toda a Europa.<sup>37</sup>

O evangelho volta novamente a ser proclamado e discutido, ainda que de maneira muito limitada. Deve-se entender este processo como uma continuação do projeto de Deus para a restauração do homem. A igreja de forma geral tinha importância política e religiosa, porém, espiritualmente encontrava-se muito distante do aproveitamento de todo o seu “potencial”.

No século XVI, o cardeal Roberto Belarmino afirmou que hereges jamais converteram pagãos ou judeus à fé, mas somente perverteram cristãos. Segundo Gustav Warneck, citado por Bosch, não havia ação missionária por parte dos reformadores, porque concepções teológicas fundamentais os impediram de dar a sua atividade e até seus pensamentos uma orientação missionária.<sup>38</sup>

Segundo Bosch, asseverar que os reformadores não possuíam uma visão missionária seria interpretar equivocadamente o impulso básico de sua teologia e ministério. Para ele é preciso considerar Lutero, em especial, um pensador missionário criativo e original. Lutero teria sido o provedor do empreendimento missionário da igreja com diretrizes e princípios importantes. A ênfase dos reformadores esteve no fato de a missão não depender de esforços humanos.

---

<sup>35</sup> BOSCH, 2002, p. 297.

<sup>36</sup> PETERS, 2000, p.262

<sup>37</sup> GEORGE, T. **Fiel Testemunha**: vida e obra de William Carey. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.47

<sup>38</sup> BOSCH, 2002, p.298.



Nenhum pregador ou missionário deveria, em momento algum, atribuir a seu próprio zelo o que, em verdade, é obra exclusiva de Deus, o que não implicava em passividade e quietismo.<sup>39</sup>

Em termos de empreendimentos missionários estes foram pouco durante os dois primeiros séculos após a Reforma (1517-1717). Havia muitos obstáculos a serem vencidos. Ekström comenta que “os anabatistas desenvolveram um notável programa de expansão missionária. Eles aceitaram e ao mesmo tempo radicalizaram a idéia Luterana do sacerdócio universal de todas as pessoas crentes”.<sup>40</sup> Bosch escreve:

Enquanto que Lutero ainda aderira ao conceito de paróquias territorialmente circunscritas e do ofício eclesiástico restrito a uma área geograficamente assim estabelecida, os anabatistas rejeitaram a idéia de um ofício especial e exclusivo, assim como a de qualquer cristão estar limitado em seu ministério a uma determinada área. Isso lhes possibilitou ver toda a Alemanha e também os países vizinhos como campos missionários, sem nenhuma consideração por limites de paróquias e dioceses.<sup>41</sup>

Pode-se dizer que para os reformadores a Grande Comissão não era compromissiva. Esta Comissão diz:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos, de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos. (Mateus 28.18-20)

Nenhum texto bíblico aparece com mais frequência nas confissões de fé e nos testemunhos anabatistas diante de tribunais que as versões de Mateus e Marcos da “Grande Comissão”, juntamente com o primeiro versículo do Salmo 24: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela há, o mundo e os que nele habitam”. Eles estiveram entre os primeiros a tornar a comissão obrigatória para todos os crentes.<sup>42</sup>

Os reformadores não conseguiam imaginar uma expansão missionária em países onde não houvesse um governo protestante (luterano, reformado, etc). É revelador que os dois únicos empreendimentos missionários engajados pelos principais reformadores, tenham sido realizados em colaboração com autoridades civis. O fracassado projeto missionário de protestantes franceses no Brasil (iniciado

---

<sup>39</sup> BOSCH, 2002, p.299.

<sup>40</sup> EKSTRÖM, 2001, p.50.

<sup>41</sup> BOSCH, 2002, p.301.

<sup>42</sup> BOSCH, 2002, p.301.

em 1555), e semelhantemente, a missão entre os lapões (começada em 1559).<sup>43</sup>

A época da Reforma conheceu pelo menos um expoente da ideia de que a Grande Comissão continuava sendo compromissiva para a igreja e que se deveria entendê-la como incumbência de ir ao encontro de pessoas que se encontravam fora do território da cristandade: o teólogo holandês Adrian Saravia.<sup>44</sup>

Segundo as palavras de H. Frick, em 1693, para a ortodoxia, a proclamação do evangelho a todas as nações era, na melhor das hipóteses, uma meta desejada; para o pietismo uma meta da vontade. O novo movimento combinou o júbilo por uma experiência pessoal da salvação com a ânsia de proclamar o evangelho da redenção a todos. Bosch comenta que “no pietismo, a fé formalmente correta, fria e cerebral da ortodoxia deu lugar a uma união cálida e devota a Cristo. Conceitos como arrependimento, conversão, renascimento e santificação receberam significados novos”.<sup>45</sup>

Os primeiros pietistas não estavam interessados somente nas almas das pessoas. Em 1701, Francke definiu a meta do movimento de renovação, como a melhora concreta em todos os âmbitos da vida, na Alemanha, na Europa, em todos os recantos do mundo. Na Alemanha, os pietistas se envolveram extensivamente em “missões domésticas”, prestando assistência a pessoas destituídas e carentes, criando uma escola para pobres, um orfanato, um hospital, um lar para viúvas em Halle e, outras Instituições. Foi essa compreensão dinâmica e abrangente do reinado de Deus – em que a salvação e bem estar, alma e corpo, conversão e desenvolvimento andavam juntos. Durante todo o século 18, o pietismo projetou a Alemanha como país protestante, líder no campo da missão.<sup>46</sup>

Durante os primeiros dois séculos do protestantismo, o paradigma missionário tendeu a oscilar entre vários extremos. Em geral, os protestantes ainda agiram dentro do marco de um estreito vínculo entre igreja e Estado, incluindo a ação missionária. Bosch comenta que “exceções a essa regra encontram-se entre os anabatistas, os pietistas e alguns expoentes da Segunda Reforma e do puritanismo”.<sup>47</sup> Outras influências e outros fatos poderiam ser identificados quanto à ação e pensamento missionário na Reforma, porém, estas contribuem para uma

---

<sup>43</sup> BOSCH, 2002, p.301.

<sup>44</sup> BOSCH, 2002, p. 303.

<sup>45</sup> BOSCH, 2002, p. 309.

<sup>46</sup> BOSCH, 2002, p.311, 312.

<sup>47</sup> BOSCH, 2002, p.318.

pequena compreensão das transformações que vieram a ocorrer no século 19, tendo como principal expoente William Carey e seus contemporâneos.

#### 4 DA ERA MODERNA (FINAL SÉCULO XVIII E XIX)

Muitos enigmas dogmáticos foram estabelecidos pelos líderes oficiais das igrejas no período da Reforma, porém, no fim do século XVII estes enigmas começaram a ser esclarecidos através da ação pioneira de William Carey, chamado por Bosch como “o arquiteto da missão moderna”, em meio a alguns povos na Índia.<sup>48</sup>

Ekström denomina esta época de “era dos despertamentos, ocorrida entre os anos de 1600 e 1800”.<sup>49</sup> Pode-se dizer que após o período da Reforma, um elemento muito importante da Missão de Deus foi a atuação de Carey, um jovem inglês, que certo dia ao encontrar um Novo Testamento escrito em grego se interessou por aprender a língua.<sup>50</sup> Ao mesmo tempo em que estudava o grego, dedicou-se a aprender outras línguas como Hebraico, Latim, Alemão e Francês.<sup>51</sup> Rapidamente tornou-se professor. Durante o dia ensinava e à noite fazia sapatos.<sup>52</sup>

Enquanto Carey ensinava em uma classe de geografia, teve uma ideia e, de pedaços de couro de várias cores, emendados, fez um globo do mundo. Ele o pendurou na sua sala de aula. Ao observar os países naquele globo, reconheceu que existiam outras línguas que ele não conhecia. Então começou a estudar a língua holandesa e a italiana estando logo apto para ler e falar em oito línguas. Enquanto estudava o globo, Carey sentiu grande compaixão pelas pessoas não cristãs.<sup>53</sup>

Motivado pela história de David Brainerd (1718), missionário aos índios norte-americanos, teve convicção de seu chamado.<sup>54</sup> Naquele tempo, séc. XVIII, as igrejas protestantes da Inglaterra não enviavam missionários. De fato, ninguém parecia se importar que milhões de pessoas ainda não tivessem ouvido falar sobre a pessoa e obra de Jesus que morreu em prol da humanidade. Ninguém teria

---

<sup>48</sup> BOSCH, 2002, p.341.

<sup>49</sup> EKSTRÖM, 2001, p.59

<sup>50</sup> BOYER, O. **Heróis da fé**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. p.82.

<sup>51</sup> Disponível em <<http://www.cicero.com.br/evangelista/williamcarey.htm>> Acesso em 04 agosto 2015

<sup>52</sup> Disponível em <<https://mensageirovc.wordpress.com/2013/12/20/william-carey/>> Acesso em 20 de dezembro de 2016.

<sup>53</sup> JOHNSTONE, 2000. p. 30-34.

<sup>54</sup> TUCKER, 1996, p. 94-99.

prestado atenção, quando Carey disse que queria ser missionário (1761).

Ele resolveu que, se ninguém o ajudasse a ir ao campo missionário, ele deveria seguir e confiar em Deus para seu sustento. Agora ele pôde ver a razão dos longos anos de estudo. Todas as línguas aprendidas seriam necessárias para seu trabalho.

Apesar de relutar, sua esposa Dorotéia, consentiu em acompanhá-lo. Eles partiram para a Índia em 1793. Carey estava entusiasmado e alegre quando chegaram às praias desta terra desconhecida. Mangalwadi comenta que “Carey foi um evangelista que utilizou todos os meios disponíveis para iluminar cada faceta escura da vida indiana com a luz da verdade”.<sup>55</sup>Carey tornou-se um dos maiores missionários cristãos da história. Ele teria batizado o primeiro convertido numa terra onde agora há milhões de cristãos. Ele traduziu a Bíblia, ou partes da Bíblia em mais de uma dúzia de línguas. Ele é conhecido hoje como “o Pai das Missões Modernas”.<sup>56</sup>

Observa-se que Carey colocou em prática sua convicção, se preparou para ser instrumento na pregação do Evangelho, junto a povos que não conheciam a Cristo.<sup>57</sup> Seu perfil missionário tem alguma semelhança com o perfil do apóstolo Paulo. Ambos tinham profissão e viveram acreditando na providência divina. Pode-se lembrar do texto que Paulo escreve aos filipenses (Fp. 4.10): “Alegrei-me sobremaneira no Senhor porque, agora, uma vez mais, renovastes a meu favor o vosso cuidado. O qual também já tínheis antes, mas vos faltava oportunidade”. Carey foi um missionário transcultural assim como o apóstolo Paulo.

O apoio formal da igreja que poderia incluir o envio e sustento não foi uma realidade para ambos. Percebe-se que a chamada Igreja Moderna (séc.XVI-XIX) contava com pessoas dispostas a serem missionárias, mas havia muita burocracia ou descrédito por parte da ortodoxia da igreja em cooperar com missões. Em virtude disto surgiram instituições missionárias que selecionavam, preparavam e enviavam missionários a povos não alcançados.<sup>58</sup>

A partir do exemplo de Carey, surgiram muitos outros missionários que deram suas vidas em prol da proclamação do Evangelho, a Europa enviou missionários ao

---

<sup>55</sup> BRADFORD, 2009, p.304.

<sup>56</sup> TUCKER, 1996, p.120.

<sup>57</sup> JOHNSTONE, 1998, p. 103.

<sup>58</sup> PATE, L.A. **Missiologia**: a missão transcultural da igreja. São Paulo: Vida, 1997. ; PETERS, 2000, p. 261-265, 266.

continente americano (Norte e Sul). Na verdade foram verdadeiros desbravadores. O transculturalismo foi o elemento missiológico mais marcante deste período da história da Igreja.<sup>59</sup> Enquanto Carey dedicou-se à evangelização dos povos da Índia, o Brasil também se encontrava necessitado da pregação do evangelho.

Em solo brasileiro pode-se dizer que foi a partir de 1850 que o Brasil tornou-se foco de evangelização de alguns grupos de protestantes europeus.<sup>60</sup> A atitude de Carey repercutiu internacionalmente e muitos outros missionários se viram desafiados a proclamar o evangelho transculturalmente. Tucker identifica esta repercussão fazendo uso de um quadro denominado o grande século (XIX).<sup>61</sup> A missão avançando em direção à Ásia Central, África Negra, Extremo Oriente, Ilhas do Pacífico, Europa e América do Norte. Ekström comenta que neste grande século ocorreram muitas mudanças no mundo, grandes avivamentos e surgiram as primeiras sociedades missionárias.<sup>62</sup>

Além de Carey (1761-1834) podem ser citados outros missionários contemporâneos a ele que se dedicaram ao avanço da missão. Hudson Taylor, inglês, (1832-905) na China, usou uma estratégia controvertida de aculturação para receber a atenção dos nativos. Adoniram Judson, norte-americano, (1788-1850) na Birmânia. Roberto Moffat, escocês, (1795-1883) na África do Sul. David Livingstone, escocês, (1813-1873) desbravou o interior africano. Mary Slessor, escocesa, (1848-1915), na Nigéria, representando a nobre participação das mulheres desta época engajadas na obra missionária. E, John Paton, escocês, (1824-1907) contribuindo nas Ilhas do Pacífico.<sup>63</sup>

## 5 DO SÉCULO XX

Ekström comenta que “o século XX teve características diferentes do XIX. O conceito de missões sofreu profundas mudanças”.<sup>64</sup> Obreiros colocaram-se à disposição da missão sem garantia de sustento e com o propósito de desbravar áreas hostis e desconhecidas. Pode-se destacar o que Piper escreve sobre a importância de cinco missionários martirizados na selva equatoriana e como reagiu a

---

<sup>59</sup> BOSCH, 2002, p. 166-169.

<sup>60</sup> BRADFORD, 2009, p.359.

<sup>61</sup> TUCKER, 1996, p.144, 145, 200 e 201.

<sup>62</sup> EKSTRÖM, 2001, p.68, 69.

<sup>63</sup> EKSTRÖM, 2001, p.71,72.

<sup>64</sup> EKSTRÖM, 2001, p.75

esposa de um deles diante da má notícia recebida em 1956<sup>65</sup>: “Quando fiquei a par da notícia da morte de Roj, meu coração estava repleto de louvor. Ele foi merecedor de seu regresso ao lar. Ajuda-me Senhor, a ser ao mesmo tempo mãe e pai.” Ele ainda relata a execução de outro missionário, Chet Bitterman, em solo colombiano, em 1981.<sup>66</sup>

Os dois relatos de Piper talvez sejam situações extremas do que pode acontecer quando se dispõe a cooperar com a missão, mas Jesus alertou aos discípulos que isso aconteceria: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem [...]” (Mt.5.11). Neste momento da história da humanidade, já se vão quase 2000 anos de cristianismo e por muitas vezes pagou-se o preço com a vida para que a missão avançasse.

Parece que as duas grandes guerras (1914-18/ 1939-45) confirmaram a toda humanidade do século XX a necessidade do homem reconhecer que sua natureza tende ao mal. Ekström comenta que “a 1ª. guerra mundial deixou marcas negativas quanto à credibilidade do cristianismo como uma religião promotora da paz”.<sup>67</sup> E, após a 2ª. guerra, outras religiões e tendências religiosas se fortaleceram. O materialismo e o secularismo cresceram e a missão de evangelizar os não cristãos mudou de direção. Philip Jenkins escreve que “o centro gravitacional do mundo cristão migrou para o Sul – África, Ásia e América Latina”.<sup>68</sup>

Ao longo desta história a responsabilidade da missão não consistiu em crer num Cristo segundo um critério que não corresponda às Escrituras, nem tampouco em adornar ou manipular o Cristo das Escrituras, mas, sim, em dar testemunho fiel do único Cristo que existe, tal como Deus o tem apresentado ao mundo. Um testemunho propositadamente uniforme das Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. Algo espontâneo que precisa ser praticado com alegria e satisfação em prol da salvação de pessoas que estejam subjugadas àquilo que a “pobreza” do mundo oferece, uma vida sem Deus.<sup>69</sup>

Dentre os movimentos e acontecimentos missionários mais marcantes do século XX podem-se destacar a formação do Conselho Mundial de Missões, em

---

<sup>65</sup> PIPER, 2001, p.99, 100.

<sup>66</sup> PIPER, 2001, p.100.

<sup>67</sup> EKSTRÖM, 2001, p.77.

<sup>68</sup> BRADFORD, 2009, p.348.

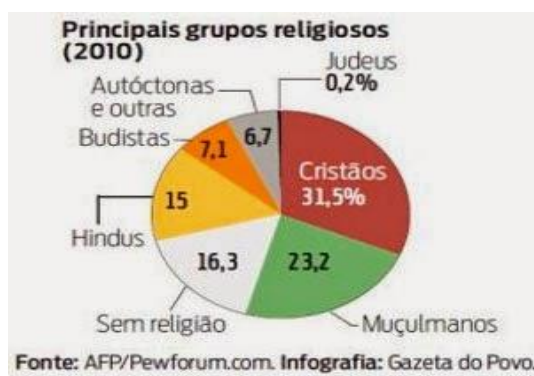
<sup>69</sup> PIPER, 2008, p.111, 112.

1961, sob a estrutura do Conselho Mundial de Igrejas;<sup>70</sup> o Pacto firmado em Lausanne,<sup>71</sup> um encontro de missionários/missiólogos e líderes de igrejas e denominações, na Suíça, em 1974, que estabeleceu um roteiro a ser reconhecido e praticado tanto pela igreja como por instituições missionárias. E, por fim, a formação da Aliança Evangélica Mundial em 1951.<sup>72</sup> Pode-se pensar que a missão em evangelizar os povos mais escondidos da Terra recebeu ajuda destes três importantes instrumentos missionários do século XX.

Esta relação continua sendo válida, ainda que possa sofrer algumas atualizações, devido a algumas mudanças na sociedade do século XXI. Ela engloba o propósito de Deus, a autoridade da Bíblia, a natureza ímpar e universal de Cristo, a natureza da evangelização, a responsabilidade social do cristianismo, a missão da igreja quanto à evangelização, a cooperação na evangelização, a urgência da obra missionária, a relação entre a evangelização e o contexto cultural, a preparação de missionários, os conflitos espirituais, o poder do Espírito Santo, a segunda vinda de Cristo.

Atualmente são muitas as instituições envolvidas na obra missionária e, muitas as igrejas que têm preparado e enviado missionários ao campo, no entanto, o texto bíblico de Mt.9.37,38. “Na verdade a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”, continua sendo válido, já que são muitos os povos que nem sequer têm uma Bíblia em sua língua para que possa conhecer as riquezas provenientes dela. Nas figuras apresentadas abaixo é possível observar como se encontravam divididos os grupos religiosos em 2010 e a projeção para o ano de 2050.<sup>73</sup>

Figura 1



<sup>70</sup> EKSTRÖM, 2001, p.69

<sup>71</sup> BOSCH, 2002, p.492-502.

<sup>72</sup> EKSTRÖM, 2001, p.80

<sup>73</sup> Disponível em <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=84803>> Acesso em 04/02/2016.

Figura 2

Escala e Projeção de Crescimento dos Maiores Grupos Religiosos no Mundo					
Classificação por Grupos	População em 2010	% da população em 2010	Projeção para população em 2050	% da população em 2050	Crescimento da população entre 2010-2050
Cristãos	2.168.330.000	31,4%	2.918.070.000	31,4	749.740.000
Muçulmanos	1.599.700.000	23,2	2.761.480.000	29,7	1.161.780.000
Sem religião	1.131.150.000	16,4	1.230.340.000	13,2	99.190.000
Hindus	1.032.210.000	15,0	1.384.360.000	14,9	352.140.000
Budistas	487.760.000	7,1	486.270.000	5,2	-1.490.000
Religiões populares	404.690.000	5,9	449.140.000	4,8	44.450.000
Outras religiões	58.150.000	0,8	61.450.000	0,7	3.300.000
Judeus	13.860.000	0,2	16.090.000	0,2	2.230.000
Total no mundo	13.860.000	100,0	9.307.190.000	100,0	2.411.340.000
Fonte: O futuro das Religiões do mundo: Projeção do Crescimento da População 2010-2050					

Embora as estatísticas possam sofrer variações de acordo com as fontes que se tenham, nota-se que de acordo com esta projeção, o número de povos a serem evangelizados ainda é muito grande. A partir destes dados, coloca-se em questão a prática missionária como resposta direta a um entendimento bíblico que prime por avançar simultaneamente abrindo mão daquilo que se almeja em caráter pessoal, não se entregando a conflitos interiores que venham surgir e ainda, não temendo a possíveis confrontos que venham acontecer.

Segundo o quadro resumo acima, o total de cristãos no mundo em 2010 aproxima-se de 2,2 bilhões de pessoas. Destes cristãos, cerca de 682 milhões de cristãos são da Grande Comissão, ou seja, com algum tipo de envolvimento em missões. Este número é menos que 10% da população mundial. Considerando a urgência da salvação da humanidade, este número é muito pequeno.

Pode-se, assim, propor uma análise para examinar até que ponto há profundidade no conhecimento das Escrituras e se realmente à disposição em obedecê-las? As práticas e os pedidos referentes ao avanço missionário têm apresentado quais aspectos como os mais importantes? Quais trechos bíblicos estariam sendo mais valorizados? Há algumas questões que precisam estar bem



definidas para que os cristãos possam avançar na missão, entendendo que a obra missionária é para ser partilhada por todos.

Prado Filho comenta que “os chamados países emergentes na tarefa missionária, incluindo o Brasil, têm colhido resultados desanimadores em suas incursões missionárias transculturais”.<sup>74</sup> Para ele, segundo relatórios de trabalhos missionários realizados em outras culturas, o missionário realiza o seu trabalho em outras culturas, mas sem se importar muito com as peculiaridades da nova cultura.<sup>75</sup> Pode-se dizer que ao chegar ao final do século XX, muitos missionários não tiveram a mesma compreensão e mesmas atitudes quanto ao alcance da ordenança da Grande Comissão. Ao ingressar no século XXI, este foco missionário pode ser averiguado para identificar possíveis barreiras a fim de transpô-las e avançar com a missão.

## 6 DO SÉCULO XXI

Após percorrer dois mil anos de história de cristianismo e conseqüentemente dois mil anos de missões, chega-se ao fim do século XX e início do XXI. Pretende-se pensar que esta era tem seu início na virada do segundo para o terceiro milênio. Talvez seja difícil identificar onde se inicia a pós-modernidade, mas pode-se pensar que a partir do ano 2000 a história da humanidade entrou num novo tempo. A temida catástrofe global, ou ainda o colapso no sistema de comunicação, anunciado como “*boog* do milênio” não aconteceram. Mas, a queda das torres gêmeas nos Estados Unidos em 11/09/2001, impactou a humanidade e difundiu certo pavor sobre muitos com o temor do fim do mundo. Como avançar com a missão num mundo globalizado ameaçado por atos de terror?

Christoph Schneider- Harpprecht e Roberto E. Zwetsch pensam sobre a missão que:

A missão de Deus sempre se tornou, na história, chamamento à decisão para dela fazer parte. Deus não age sozinho, mas em equipe. Ele se vale de cooperadores através da história humana. E quem for chamado é incluído na missão.<sup>76</sup>

Comenta que os cristãos atuais “precisam de uma causa muito nobre pela

---

<sup>74</sup> BRADFORD, 2009, p.645.

<sup>75</sup> BRADFORD, 2009, p.645.

<sup>76</sup> HARPPRECHT, C.S.; ZWETSCH, R.E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p.191

qual podem viver, e pela qual podem morrer”, causa esta que é a evangelização mundial.<sup>77</sup> Mas pode-se destacar a atuação dos cristãos bivocacionados que têm se colocado à disposição da missão. Guthrie comenta que “cristãos do mundo inteiro estão arriscando suas vidas exercendo alguma profissão enquanto evangelizam”.<sup>78</sup> Algo que no início pode ter sido feito de maneira impetuosa e despreparada, vem passando por ajustes e se aperfeiçoando em prol do avanço da missão com maior preparo, equilíbrio e sabedoria.

Jenkins acredita que o cristianismo experimentará um intenso crescimento no século XXI, principalmente na América Latina e na África.<sup>79</sup> Para isso acontecer, Bosch acredita que será preciso unidade na missão e missão em unidade.<sup>80</sup> Concorda-se com esta perspectiva, entendendo que a história cristã foi conduzida até o presente século reconhecendo a importante colaboração de cada participante, mas sob o foco exclusivo de glorificar a Deus, proclamando a plenitude da obra que Cristo deu início. Ralph Winter comenta que “a iniciativa missionária tem passado por diferentes fases ao longo dos anos”.<sup>81</sup> Muitos participantes, utilizando-se de instrumentos e mecanismos diversificados assumiram o compromisso de amar e servir à missão procurando obedecer à Grande Comissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ekström escreve que “o estudo da História de Missões é uma interessante aventura que leva a descobrir a trajetória missionária e a expansão da igreja cristã desde os seus primórdios até os dias atuais”.<sup>82</sup> Pode-se dizer que esta história não seria uma compilação de números e fatos isolados. Ela apresenta uma teologia intrínseca que permite analisar se houve avanço simultâneo da missão, se ele foi restrito a um grupo de pessoas e ainda, se foi realizado sob um foco querigmático ou holístico, ou os dois.<sup>83</sup>

Os registros da prática missionária dos apóstolos identificam confrontos com

---

<sup>77</sup> PIPER, J. **Evangelização & missões**. Proclamando o Evangelho para a alegria das nações. São José dos Campos: Fiel, 2011. p.125

<sup>78</sup> GUTHRIE, S. **Missões no terceiro milênio**. 21 tendências para o século XXI. Camanducaia: Logo da Missão, 2003. p.153.

<sup>79</sup> BRADFORD, 2009, p.349.

<sup>80</sup> BOSCH, 2002, p.553

<sup>81</sup> BRADFORD, 2009, p.287.

<sup>82</sup> EKSTROM, B. **História da missão**: a história do movimento missionário cristão. Londrina: Descoberta, 2001, p.9

<sup>83</sup> NASCIMENTO, A.; SILVA, J.F. **Missão, missões, antimissão**. O projeto de Deus e os empreendimentos humanos. São Paulo: Editora Reflexão, 2011. p.34.

as crenças externas e conflitos internos em meio aos próprios cristãos. Desenvolver uma missão consciente de seus desafios e acreditando na ação onipotente de Deus sem se prender às fronteiras e barreiras. Do século II ao V pode-se considerar que a expansão do cristianismo e da obra missionária foi tão consistente que teria levado um imperador romano a oficializar este modo de crer como o principal de sua época. Além de estabelecer que assim devesse ser praticado e deixado como referência para as gerações vindouras.

No período entre o século VI ao XIV, alguns elementos nocivos teriam afetado a prática missionária fazendo com que esta declinasse e ficasse restrita ao continente europeu. Para superar os entraves dessa época surgem cristãos pensadores que mediante reflexões bíblicas e teológicas tornam a dar vigor a importância da prática missionária. Em meio aos reformadores dos séculos XV ao XVII ressurgem uma intrepidez teológica, expressa por meio de debates e confrontos de idéias que vêem com muita importância a necessidade de praticar a missão além do território europeu.

A partir dessa reforma, nasce o movimento moderno na prática da missão nos séculos XVIII e XIX, que põe em voga, a prática adotada de comunicar o evangelho aos povos, mas também os servindo por meio de habilidades e talentos. A prática missionária adotada no século XX confirma que os confrontos em meio as culturas nunca deixaram de ocorrer, mas neste período as Américas praticamente deixam o posto de alvos de missões e passaram a ser preparadoras de missionários.

Neste começo de século XXI, a fundamentação proposta teve o objetivo de estimular as igrejas locais a refletirem sobre os aspectos que envolvem a preparação e prática missionárias. Para compartilhar de forma global cada momento histórico da missão, sugere-se observar as peculiaridades de cada cultura, procurando respeitar cada pessoa colocando-se à disposição em servir.

A forma adotada para comunicar o evangelho sob o foco holístico e integral pode estar sendo reivindicada pelos missiólogos do século XXI, mas, à luz do que relatam os evangelhos, compreende-se que este sempre foi o foco de Jesus (Mt.9.35; Mc.7.29-30; 32-35; Lc.4.18- 19; 6.10; 8.48; 54-55; 9.16-17; 10.9; Jo.5.8-9; 6.11-12; 9.6-7). Os resultados e as consequências podem ser variáveis. Mas, fazendo uso de relatos bíblicos e históricos, é possível avançar na construção desse pensamento sob uma perspectiva cultural, algo que pode ser explorado num próximo artigo.

## REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOYER, O. **Heróis da fé**. Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BURNS, Barbara H.; **Anunciai entre as nações a sua glória**: palestras e seminários I congresso nordestino de missões. Curitiba: Esperança, 2004.

CAMPENHAUSEN, H. **Os pais da igreja**. A vida e a obra dos primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

CÉSAR, E. M. L. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

EKSTROM, B. **História da missão**: a história do movimento missionário cristão. Londrina: Descoberta, 2001.

FOX, J. **O livro dos mártires**. A história dos sofrimentos e morte dos cristãos primitivos e dos mártires protestantes. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GEORGE, T. **Fiel testemunha**: vida e obra de William Carey. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GUTHRIE, S. **Missões no terceiro milênio**. 21 tendências para o século XXI. Camanducaia: Logo da Missão, 2003.

HARPPRECHT, C.S.; ZWETSCH, R.E. **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

HAWTHORNE, S. C.; WINTER, R. D.; BRADFORD, K. D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. Coletânea de textos de autores nacionais e estrangeiros explorando as perspectivas bíblica, histórica, cultural e estratégica no movimento de evangelização mundial. São Paulo: Vida Nova, 2009.

JOHNSTONE, P. **A igreja é maior do que você pensa**: a tarefa inacabada da evangelização mundial. Camanducaia: Missão Horizontes, 1998.

NASCIMENTO, A.; SILVA, J.F. **Missão, missões, antimissão**. O projeto de Deus e os empreendimentos humanos. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

NEILL, S. **História das missões**. São Paulo: Vida Nova, 1989.

PATE, L.A. **Missiologia**: a missão transcultural da igreja. São Paulo: Vida, 1997.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

PIPER, John. **Alegrem-se os povos**: a supremacia de Deus em missões. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

\_\_\_\_\_ **Em busca de Deus**: a plenitude da alegria cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

\_\_\_\_\_ **Evangelização & missões**. Uma antologia de sermões. São José dos Campos: Fiel, 2011.

RICKETT, D. **Evitando independência: Desenvolvendo parcerias**. EMQ:Illinois, 1998.

TUCKER, R. “...**Até aos confins da terra**”: uma história biográfica das missões cristãs. São Paulo: Vida Nova, 1986.

#### SITES CONSULTADOS

Disponível em <<http://www.cicero.com.br/evangelista/williamcarey.htm>> Acesso em 04/08/2015

Disponível em  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm)>.  
Acesso em 04/08/2016

Disponível em <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigos/especial/uma-reflexao-sobre-o-chamado-ministerio-bivocacional>> acesso em 24/08/2016

Disponível em <<https://messageirosvc.wordpress.com/2013/12/20/william-carey/>> Acesso em 20/12/2016.

Disponível em <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=84803>> Acesso em 04/02/2016.